



O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: PERSPECTIVAS ACERCA DA ORALIDADE E ESCRITA NO ENSINO BÁSICO

Marilurdes Menezes de Lima¹

RESUMO

O presente artigo apresenta uma abordagem acerca das estratégias que são desenvolvidas para estabelecer a comunicação no que concerne ao estudo de Língua Portuguesa, envolvendo as habilidades de leitura, escrita, oralidade e análise linguísticas no ensino básico. O artigo desenvolve uma metodologia qualitativa e bibliográfica de estudiosos da língua oficial. Este estudo requer muita pesquisa, análise e reflexão, visto que a língua é plurissignificativa, com vários significados, que geram interpretações diferentes. Esse fato ocorre devido à diversidade de linguagem que é desenvolvida pelos falantes da língua em estudo. Os profissionais, que atuam desenvolvendo o ensino do Português, enfrentam muitos obstáculos para conscientizar o falante da língua de que deve estar atento às várias situações que se fazem necessárias para seu uso. Quando a criança passa a frequentar a escola, ela já sabe falar a língua materna e isso deve ser reconhecido por todos que fazem parte da escola. O que ela ainda não conhece são os recursos que são utilizados para o desenvolvimento da língua e que serão necessários para o aprimoramento do saber que a mesma já tem. A Língua Portuguesa permite que o ser humano faça parte de um mundo que o levará a interagir com coerência, mantendo uma relação de igualdade entre os demais envolvidos na comunicação. O estudo da disciplina Português não vem apresentando bons resultados no final do ensino básico o que se exige mudanças de estratégias as quais precisam ser colocadas em práticas para a obtenção de resultados melhores ao final do ensino básico.

Palavras-chave: Comunicação, Leitura, Escrita, Oralidade, Língua Portuguesa.

INTRODUÇÃO

Há muito se discute acerca do ensino de Língua Portuguesa, sobre as metodologias que são propostas para desenvolver as habilidades da língua materna. As habilidades de leitura, escrita, oralidade e emprego dos recursos linguísticos são cobrados de estudantes durante vários anos de estudo no ensino básico e ao final dele percebe-se que não houve avanço significativo em relação ao domínio da mesma. A educação, no Brasil, é precária, os estudantes não têm suportes nem recursos suficientes para desenvolverem as habilidades necessárias para ter o domínio da língua em questão. Além da falta de recurso há também a desmotivação, o desinteresse, as condições das escolas e a falta de perspectivas de estudantes que evadem da escola antes de concluir

¹ Mestre em Educação pela UniNorte Universidade Del Norte no Paraguai (Py), professora de Língua Portuguesa da Escola EREM, Escola Estadual Benigno Pessoa de Araújo, da Escola Municipal Capela de São Sebastião e do Colégio Ágape na rede privada, na cidade de Goiana do estado de Pernambuco, participante do VII CONEDU - ONLINE - VII Congresso Nacional de Educação.



os estudos. Então alcançar resultados satisfatórios e eficazes no ensino básico se torna difícil.

Os resultados negativos requerem muita atenção, visto que se sabe que a educação é um setor com grandes desafios para qualquer país. Problemas na educação devem ser resolvidos com muita discussão para que encontrem um norte que seja comum a todos, que traga bons resultados para todos. Comprometimento, determinação, ousadia e força de vontade em busca de um objetivo comum é o que deve ser posto em prática para mudar a visão desagradável acerca da educação brasileira no que diz respeito ao estudo da língua mãe.

É sob o prisma de refletir as metodologias e estratégias de ensino da Língua Portuguesa que serão propostas inovações sistemáticas diferenciadas, em relação às habilidades de leitura, escrita, oralidade e recursos linguísticos. As estratégias precisam estar voltadas para a realidade dos alunos para que eles se sintam à vontade e demonstrem mais interesse pela aprendizagem. Ler e escrever são habilidades fundamentais para o desenvolvimento do raciocínio, mas muitos alunos não se sentem motivados para desenvolverem tais habilidades, ficam inibidos, sentem medo de errar, ficam nervosos para ler um texto e, às vezes, criam um bloqueio difícil de superar. O professor deve deixar claro para os alunos a importância da leitura e escrita e os benefícios para a vida pessoal e profissional no futuro.

As estratégias que são desenvolvidas hoje pelos profissionais da educação que atuam com a disciplina de Língua Portuguesa ainda se prendem a métodos tradicionais, sem aperfeiçoamento nem inovações que possam despertar o interesse para a aprendizagem de forma lúdica, interativa com troca de informações e conhecimentos. É preciso realizar atividades com leituras enriquecedoras envolvendo gêneros textuais diversos. Já a escrita de textos deve demonstrar domínio da língua oficial, observando que a linguagem escrita difere da oralidade, que é espontânea e obedece à formalidade ou à informalidade, dependendo do público a que se destina.

A linguagem é acessível a todos. A forma como ela se desenvolve é restrita para uns e para outros, não. Há os que frequentam a escola em busca de conhecimentos e os que não frequentam. Há também aqueles que mesmo frequentando não têm interesse em aprimorar seus conhecimentos para crescer intelectualmente. Dessa forma a leitura e a escrita não serão desenvolvidas como o professor espera que sejam. A compreensão e a



interpretação não serão alcançadas. O aluno, mesmo que “decodifique” os vocábulos, não significa que saiba ler realmente, pois aquele que lê, compreende e interpreta a mensagem que o texto quer passar e pode formar sua opinião dando o seu ponto de vista sobre o assunto em questão.

Na Língua Portuguesa, encontram-se muitas inadequações na fala e na escrita. O domínio da língua requer muito estudo com leituras, escritas de textos e pesquisas que podem ser desenvolvidas para que as “possíveis inadequações”² sejam retificadas. As inadequações são resultados de vários fatores como o nível social, o nível de escolaridade, a cultura, entre outros. A mesma não é difícil de ser compreendida, a dificuldade encontrada está na linguagem inacessível aos leitores e interlocutores que precisam compreender o que é abordado de forma escrita ou oral em vários momentos da vida, seja como leitor ou ouvinte de discursos propostos.

Não há compreensão ou interpretação coerente se a linguagem não for acessível ao público que se quer alcançar. A comunicação só ocorre quando o leitor e/ou ouvinte compreende e formula opiniões a partir do que ouviu ou leu. Se o que é abordado no texto não tem relação com a sua vida cotidiana, para o leitor não será relevante realizar a leitura. O objetivo da comunicação é transmitir de forma clara e precisa a mensagem que se quer passar, e para isso ocorrer, faz-se necessário que os recursos linguísticos da Língua Portuguesa estejam empregados adequadamente para resultar na compreensão e na interpretação do leitor e/ou ouvinte.

METODOLOGIA

Este artigo faz uma pesquisa qualitativa, com caráter bibliográfico, abrangendo os conhecimentos de autores que apresentam uma visão com soluções para deliberar os entraves no estudo de Língua Portuguesa acerca das habilidades de leitura, escrita, oralidade e análise linguística no ensino básico. Apresenta possíveis caminhos para viabilizar resultados positivos frente às as dificuldades encontradas por professores e alunos no desenvolvimento do estudo da Língua Materna, de modo a torná-lo mais prazeroso e eficaz.

REFERENCIAL TEÓRICO

1 Teoria da Comunicação

² As possíveis inadequações são falhas na escrita no que se refere à ortografia de vocábulos, uso de sinais de pontuação, emprego de vocábulos com duplo sentido, entre outros que possam ocorrer.



A comunicação é realizada com a utilização de vários elementos os quais são fundamentais para manter a interação entre as pessoas. Os vários tipos de comunicação, seja pela escrita, pela oralidade, por gestos ou outros recursos, mantêm a relação entre as pessoas. Os elementos que fazem parte da realização da comunicação são: emissor, receptor, mensagem, canal, código e referente). Cada elemento tem o seu papel no ato da comunicação, sem esses elementos não há comunicação (VANOYE, 2003: 2-5).

Quando a comunicação é estabelecida corre o risco de apresentar alguns problemas relacionados à comunicação unilateral e bilateral. A comunicação unilateral ocorre quando emissor e receptor estão envolvidos na mensagem sem reciprocidade. Um exemplo é um professor dar uma aula expositiva e o aluno só prestar atenção na mensagem sem interagir. Já, na comunicação bilateral ocorre a troca de papéis, o emissor passa a ser receptor e o receptor passa a ser emissor. Como exemplo tem-se os diálogos entre as pessoas. O processo de comunicação é fundamental na vida de uma pessoa, pois é com a comunicação que se mantém as relações pessoais, profissionais, afetivas etc.

A linguagem, segundo Benveniste (1977), é um sistema de signos socializado. “Socializado” remete claramente à função de comunicação de linguagem. É com os signos que se estabelecem os enunciados que têm a função de transmitir o contexto em si. Não há signos sem significado e significante. Eles contribuem para que a mensagem apresente o contexto desejado pelo emissor.

A comunicação, seja oral ou escrita, deve apresentar um nível de linguagem, preconizado em um código comum, ou seja, “falar a mesma língua”³. Sabe-se que existem várias formas de falar uma mesma língua e esse fator é um implicador para se estudar a Língua Portuguesa, já que os códigos são os mesmos. A escrita, a leitura e a oralidade são habilidades muito cobradas no ensino da língua materna. O desenvolvimento dessas três habilidades traz o crescimento intelectual e resulta na conquista de um lugar na sociedade. Todavia, o resultado no que se refere a essas habilidades não está sendo satisfatório para as instituições escolares e para a educação brasileira.

³ Quando há compreensão entre emissor e ouvinte acerca de um assunto comum em que a linguagem foi acessível aos interessados significa falar mesma língua, a comunicação entre emissor e receptor requer harmonia no que é abordado.



A escrita de muitos alunos apresenta muitas inadequações no que se refere à ortografia, à pontuação e ao emprego de recursos linguístico da Língua Portuguesa. Alcançar bons resultados nessas habilidades exige o desenvolvimento de boas estratégias que despertem o interesse deles para que se sintam à vontade e se divirtam aprendendo. As estratégias devem vislumbrar a realidade de vivências dos próprios alunos. Como, por exemplo, a realização de leituras e debates com textos que estejam relacionados à vivência dos alunos, da sua cidade ou comunidade prende a atenção deles. Outros exemplos são: dar oportunidades para opinem sobre os assuntos abordados no texto; realizar dinâmicas que envolvam o assunto para descontrair e cativar o gosto pela leitura.

A leitura é desenvolvida paralela à escrita, que, para muitos alunos, é um “terror”. Neste momento, muitos se sentem perdidos sem saber o que fazer, ficam com medo de escrever errado e o professor repreendê-los por não conseguirem escrever de forma adequada. Outros não conseguem colocar no papel o próprio pensamento a respeito do tema pedido. Essas são situações que muitos professores enfrentam quando trabalham com o idioma português. O que fazer para que essa situação mude?

A solução está atrelada a vários fatores, como: relacionamento professor e aluno, atividades desenvolvidas durante as aulas com a participação dos alunos, conversação empregando uma linguagem acessível para os alunos, estar aberto para interagir com eles sobre assuntos de interesse dos mesmos, deixando transparecer segurança e confiança na relação professor-aluno.

O que encontramos em muitas instituições de ensino, em relação ao relacionamento professor/aluno é distanciamento. Isso não se aplica para todos, todavia ainda se encontra esse tipo de relacionamento em que o professor dá a sua aula e não se preocupa se o aluno demonstra dificuldade ou não no processo de ensino aprendizagem.

2 Comunicação escrita: norma culta: dela você não escapa!

Sabe-se que a norma culta ou língua padrão requer muita habilidade e domínio para que seja empregada corretamente. O preconceito linguístico é muito comum entre os falantes da Língua Portuguesa. Muitas pessoas criticam e, às vezes, até ridicularizam quem comete uma falha ao se expressar por escrito ou oralmente. É preciso estar ciente de que a língua oficial é muito flexível, depende da situação e do público a que se destina o discurso escrito ou falado.



O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua. (BAGNO, 1999: página 9.)

Marcos Bagno apresenta de forma clara e objetiva que a gramática não é a língua, ela precisa ser estudada para que se tenha domínio das normas e se possa empregá-las de forma correta e coerente. É comum encontramos em alguns discursos expressões que não dão a coerência adequada ao contexto. Há várias formas de demonstrar o preconceito linguístico. Uma pessoa quando diz a alguém: “Que português horrível!”, “Você não sabe ler?” Por ocupar um cargo importante deveria falar melhor”, entre outros. É preciso saber que falhas todos cometem, porém devem ser evitadas para não passar por constrangimento.

O domínio da Língua Portuguesa, ou seja, falar e escrever bem pode proporcionar sucesso intelectual e profissional, uma vez que no mercado de trabalho buscam-se pessoas qualificadas e um dos requisitos é que saiba falar e escrever corretamente. Os jovens de hoje não buscam se envolver tanto com o mundo da leitura, Eles vivem o momento mais complicado de sua vida, “a adolescência”, e pouco se preocupam com os estudos. Achar que ler é chato, perda de tempo e cansativo. Mesmo que isso não se aplica a todos, o índice de leitura é baixo. Fato comprovado com os resultados das avaliações externas propostas pelo governo para avaliar o conhecimento dos alunos no ensino básico.

Uma resposta que vem à cabeça de alguns é dizer que “escrever bem é não cometer falhas. ‘Erros’ podem ocorrer com qualquer um. Mas é evidente que uma resposta mais contundente seria “escrever bem significa empregar adequadamente os recursos linguísticos da língua de forma adequada, obedecendo às normas da gramática e usando a linguagem acessível ao seu público-alvo para que o mesmo compreenda e interprete o texto de forma coerente, opinando sobre o assunto em tela.

Para Blikstein (2006: 16), escrever bem significa obedecer às regras gramaticais que envolvem os recursos linguísticos, ser claro no discurso, sem palavras de duplo sentido, agradar ao leitor com expressões mais simples no momento da fala ou da escrita. A organização das ideias deve apresentar harmonia entre os vocábulos para que passem a mensagem desejada pelo emissor e que o receptor compreenda a mensagem transmitida.



Ao ler o e-mail: “Maria: devo ir ao Rio amanhã sem falta. Quero que você me reserve um lugar, à noite, no trem das 8 para o Rio.” (BLIKSTEIN 2006: 7) a secretária entendeu que deveria ir à estação à noite para reservar um lugar no trem para o Rio, às 8h da manhã. A compreensão e a interpretação da mensagem não foi a que o emissor quis passar. A interpretação que o emissor queria era que a secretária fosse à estação e reservasse um lugar no trem das 8h da noite para o Rio. Então uma simples confusão no sinal de pontuação, fora o deslize da escrita da palavra “reserve”, a interpretação não foi a esperada pelo emissor. Com isso o emprego adequado dos vocábulos, dos recursos da sintaxe e linguísticos são importantíssimos para transmitir a mensagem que se deseja sem atropelos.

Blikstein (2006) ainda sinaliza que “o conhecimento da gramática é apenas um dos meios para se chegar a uma comunicação correta, mas não é um fim em si mesmo”. Ele afirma que não é preciso ficar obcecado em demonstrar que escreve sempre conforme as normas da gramática, e sim se preocupar em responder de forma clara ao que se pede para que se torne comum a todos e alcance a persuasão desejada pela mensagem do texto. Para ele, a escrita eficaz deve estar apoiada no seguinte esquema:

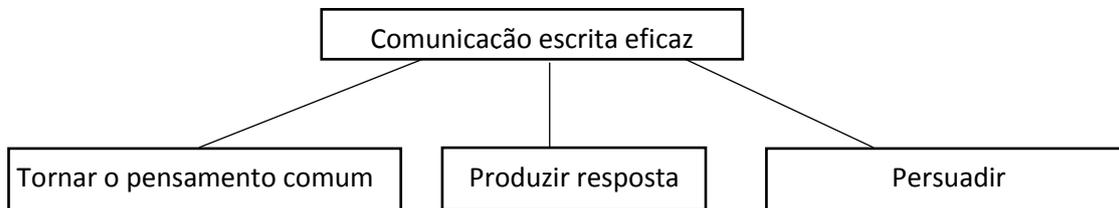


Imagem retirada do livro “Técnicas de comunicação escrita” Izidoro (2006: 27)

Esse tripé se sustentará se os passos forem seguidos, se houver algum deslize em apenas um deles, a escrita ficará comprometida, o que pode ocorrer já que é possível haver interferências como física (dificuldade visual, má grafia de palavras, cansaço, falta de iluminação etc); cultural (palavras ou frases complicadas ou ambíguas, diferença de nível social) ou psicológica (agressividade, aspereza, antipatia etc).

No e-mail enviado à secretária verifica-se que houve a interferência física com o vocábulo “reserve”; a interferência cultural com palavras ambíguas e pontuação inadequada e a interferência psicológica, visto que não apresenta palavras persuasivas à secretária. Dessa forma, fica claro que escrever bem envolve todo um processo com vários aspectos que devem ser seguidos sem falhas para que não deixe margem a uma interpretação equivocada.



3 Oralidade e letramento como práticas sociais

A oralidade é questionada com frequência no que se refere a expressões que na escrita seriam empregadas de forma diferente. A sociedade busca sempre manter a interação entre as pessoas e segue as mudanças que são estabelecidas pelos estudiosos acerca da maneira adequada de se expressar oralmente para o outro ou em público. As práticas sociais geraram uma nova concepção de língua e de texto. A nova concepção de língua ocasionou mudanças, trouxe uma nova visão a partir dos anos 80. Três décadas antes desse período, a oralidade e a escrita eram examinadas como opostas, predominando a noção da supremacia cognitiva da escrita, no que Street (1984) chamou de “paradigma da autonomia”⁴. Considerava-se a relação oralidade e letramento como dicotômica, atribuindo-se à escrita valores cognitivos intrínsecos ao uso da língua. Não eram vistos como práticas sociais.

Oralidade e letramento estão relacionados na representação da linguagem entre a fala e escrita. A fala de uma pessoa está atrelada a vários fatores que envolvem as práticas sociais, a cultura, a escolaridade etc. O que vem primeiro na prática do idioma português não é a escrita nem os recursos que são estudados para desenvolvê-las, é simplesmente os “usos da língua”. O ser humano precisa estar sempre interagindo com o outro e isso implica em colocar em prática a oralidade.

Letramento (literacy)⁵, enquanto prática social formalmente ligada ao uso da escrita, tem uma história rica e multifacetada (não-linear e cheia de contradições), ainda por ser esclarecida como lembra Graff (1995). Numa sociedade letrada, a escrita é colocada como ferramenta primordial para se alcançar crescimento intelectual e o sucesso profissional. O letramento passou a ser indispensável para enfrentar o dia a dia tanto nos centros urbanos quanto na zona rural. O ser humano precisa ter conhecimento dos elementos que compõem o letramento para a sua sobrevivência, ele precisa interagir de forma oral e escrita, para resolver os problemas do dia a dia. É impossível que se consiga viver sem manter contato com os inúmeros recursos que compõem a Língua Portuguesa.

⁴ Significa que a questão da escrita e oralidade tinham paradigmas independentes, seguia o que melhor lhe convinha.

⁵ Literacy corresponde ao processo de alfabetização, como o código de comunicação é adquirido para a aprendizagem da escrita que resultará no domínio da leitura.



A escrita é estabelecida mediante normas que foram criadas para o uso adequado dos recursos linguísticos. O mesmo ocorre com a oralidade e o letramento no que se refere à fala. As pessoas devem repetir comportamentos que são impostos pela sociedade, usar a oralidade de forma “normal”⁶, fazendo referência à alfabetização. O uso da linguagem é muito particular, cada ser faz à sua maneira, porém os que querem crescer intelectualmente, devem aprender a se comunicarem fazendo uso da norma culta. Infelizmente, a sociedade impõe que a língua padrão permita que o ser seja visto de forma diferente dos demais.

Para Street (1995), a escolarização do letramento não é um letramento apenas. Corresponde à aquisição da escrita. O letramento está atrelado a vários contextos que envolvem a escola e não devem ser depreciados. São os letramentos sociais. Esses se desenvolvem fora da escola. Não importa se se sabe ler ou escrever, o mais importante é saber se expressar e interagir com o outro para fazer parte da sociedade, mesmo que não esteja incluso no percentual daqueles que desenvolveram um letramento com a aprendizagem da língua na escola.

A escrita está presente na vida do ser humano paralelamente à oralidade. A relação entre escrita e oralidade remete a diversos gêneros textuais os quais fazem parte do cotidiano das pessoas e assim estabelecem o ato da comunicação. Escrita e leitura apresentam diferenças no que se refere à apropriação e distribuição, seguem padrões de alfabetização do ponto de vista formal e institucional, obedecem a usos e papéis que resultam nos processos de letramento. Muito se sabe sobre escrita e leitura, porém pouco se sabe sobre a influência desses processos no letramento. Sabe-se que o iletrado, mesmo que não queira, é influenciado pela escrita uma vez que se faz necessário estar inserido em uma sociedade.

Letramento, alfabetização e escolarização são processos que apresentam diferenças. O letramento é um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários, por isso é um conjunto de práticas, ou seja, letramentos, como bem diz Street (1995). A alfabetização ocorre em instituições de ensino e está atrelada ao domínio ativo e sistemático das habilidades de ler e escrever. A escolarização corresponde a uma prática formal e institucional de

⁶ A “forma normal da oralidade” a que me refiro é a espontaneidade que um ser humano mantém quando está interagindo com outra pessoa ou grupo de pessoa.



ensino voltada à formação integral do indivíduo. É uma habilidade restrita que envolve a alfabetização.

Marcuschi (2005: 22) questiona: Quais são as demandas básicas da escrita em nossa sociedade, relativas ao trabalho? Em que condições e para que fins a escrita é usada? Em que condições e para que fins a oralidade é usada? Qual a interface entre a escola e a vida diária no que respeita à alfabetização? Como se comportam os nossos manuais escolares neste particular? Que habilidades são ensinadas na escola e com que tipo de visão se passa a escrita? O que é que o indivíduo aprende quando aprende a ler e a escrever? Que tipo de conhecimento é o conhecimento da escrita?

Com todas essas indagações percebe-se que escrita e leitura devem ser trabalhadas voltadas em várias direções, uma vez que o indivíduo pode ter acesso a essas habilidades de diversas formas e com importâncias diferentes. O estudante pode ter visões diferentes em relação à escrita dentro da escola e fora dela, já que na escola ele busca aprimorá-la e fora dela dependerá da situação a qual está vivendo.

O uso da escrita pode até gerar preconceito, já que a sociedade em muitos momentos condena quem não tem domínio da escrita, principalmente se este ocupa um cargo importante. A escrita e a oralidade têm papéis distintos os quais não devem ser usados para discriminar seus usuários, já que a escrita veio depois da oralidade, com a necessidade de registrar o que acontecia e as histórias que marcaram épocas.

Graff (1995: 38), citando Havelock.(1976), comenta a tardia entrada da escrita na humanidade e sua repentina supervalorização:

O fato biológico-histórico é que o homo sapiens é uma espécie que usa o discurso oral, manufaturado pela boca, para se comunicar. Esta é sua distinção. Ele não é, por definição, um escritor ou um leitor. Seu uso da fala, repito, foi adquirido por processos de seleção natural operando ao longo de um milhão de anos. O hábito de usar os símbolos escritos para representar essa fala é apenas um dispositivo útil que tem existido há pouco tempo para poder ter sido inscrito em nossos genes, possa isso ocorrer ou não meio milhão de anos à frente. Segue-se que qualquer língua pode ser transportada para qualquer sistema de símbolos escritos que o usuário da língua possa escolher sem que isso afete a estrutura básica da língua. Em suma, o homem que lê, em contraste com o homem que fala, não é biologicamente determinado. Ele traz a aparência de um acidente histórico recente... (Graff, 1995:38)

Assim com essa visão fica claro que há muitos anos que se desenvolvem os processos de leitura e escrita em busca de aprendizado, reconhecimento e sucesso na vida de um ser humano.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os aspectos elencados e discutidos neste artigo denotam que ensinar e aprender a Língua Portuguesa exige comprometimento e dedicação para que os resultados sejam satisfatórios. As pesquisas e leituras realizadas comprovam que o processo de ensino-aprendizagem precisa ser inovado, visto que os resultados das avaliações que o governo envia para serem aplicadas nas escolas não apresentam bons resultados. Todos os anos aplicam-se essas provas (Prova Brasil e SAEB) com o objetivo de verificar como está o nível de aprendizagem dos alunos.

As pesquisas sobre leitura, escrita e oralidade, em relação ao estudo de Língua Portuguesa, deixam claro que o ensino básico precisa ser planejado de forma diferenciada ao que já se tem hoje, uma vez que o interesse dos jovens pelos estudos está com o índice muito baixo, as perspectivas de muitos jovens não estão atreladas aos estudos, eles preferem trabalhar a estudar, não têm perspectivas de uma vida com crescimento intelectual e profissional de sucesso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de Língua Portuguesa é fundamental para o crescimento e a interação do ser humano. As escolas devem proporcionar aos alunos aulas estimulativas para que a aprendizagem flua com espontaneidade, sem imposições e determinações. Dessa forma, os estudos das habilidades fundamentais da Língua Portuguesa apresentarão resultados satisfatórios. Os alunos de hoje não querem apenas fazer atividades repetitivas, eles querem interagir, participar expondo sua opinião sobre determinados assuntos.

Os autores pesquisados e analisados trazem perspectivas diferenciadas para o estudo de Língua Portuguesa, mais precisamente relacionado à leitura, escrita e oralidade. Fica evidente que as estratégias que vêm sendo desenvolvidas estão ultrapassadas, não são todas as escolas que desenvolvem tais estratégias, porém é preciso que elas sejam inovadas e diversificadas, do contrário não serão alcançados os resultados tão almejados pelos que fazem a educação, principalmente os professores que lidam com a aprendizagem dos alunos todos os anos.



Lidar com o ensino de Língua Portuguesa é muito difícil, uma vez que é uma disciplina muito cobrada ao final dos anos letivos. Os professores sentem muitas dificuldades para trabalhar essa disciplina com os alunos, eles alegam que o desinteresse dos alunos é grande. Mas não é por causa disso que não se consegue resultados positivos, as pesquisas mostram que é possível sim obter bons resultados, basta desenvolver as estratégias que permitam interação, estímulo, interesse e participação durante as aulas de forma lúdica e descontraída sem imposições e sim com trocas de informações sobre o estudo da disciplina.

Assim fazendo, o gosto pela leitura e pela escrita vai aparecer. Proponha desafios, discussões, leve-os para ambientes diferenciados, realize leituras diversificadas, mostrando a realidade do dia a dia deles que eles não mais vão ver a Língua Portuguesa como uma disciplina tão difícil de aprender.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAHIENSE, Raquel. **Comunicação escrita**: orientações para redação: dos critérios do Exame Nacional do Ensino Médio, o Enem, à comunicação administrativa. 2ª. Ed. 12. Reimpr. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2013.

BENVENISTE, Emile. **Problemas de Linguística contemporânea**. São Paulo, Editora Nacional, 1997.

BLIKSTEIN, Izidoro. **Técnicas de comunicação escrita**. 22ª.ed. – São Paulo: Ática 2006.

GRAFF, Harvey J. 1995. **Os Labirintos da Alfabetização**. Porto Alegre, Artes Médicas.

HAVELOCK, Eric. 1976. **Origins of Western Literacy**. Toronto, Ontario Institute for Studies in Education.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividade de retextualização. 6ª ed. – São Paulo: Cortez, 2005.

VANOYE, Francis. **Usos da Linguagem**: problemas e técnicas na produção oral e escrita. Tradução e adaptação: Clarice Madureira Sabóia... et al. 12ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2003.